

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega	20.º Anno — XX Volume — N.º 652	Redacção — Atelier de gravura — Administração <i>Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4</i>
Portugal (franco de porte, m. forte)	2800	1600	950	\$120	10 DE FEVEREIRO DE 1897	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4000	2500	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2850	—	—		



SUA ALTEZA A INFANTA D. MARIA LUIZA FERNANDA, DUQUEZA DE MONTPENSIER
FALLECIDA EM SEVILHA NO DIA 1 DO CORRENTE



CHRONICA OCCIDENTAL

Está de luto a corte portugueza pela morte da duquesa de Montpensier, avó da rainha, Sr.^a D. Amelia.

Possuidora d'uma fortuna immensa, dispoz da sua terça para beneficio de muitos institutos religiosos e obras de caridade.

A Sr.^a D. Amelia, que partira para Sevilha, onde sua avó residia, voltou novamente a Lisboa, onde grande parte da população lhe tem por este motivo demonstrado, com manifestações de verdadeira e respeitosa sympathia, quanto em sua tamanha dôr tomou parte e como pelas virtudes herdadas ha sabido a Rainha de Portugal conquistar os corações dos portuguezes.

Não pôde El-Rei o Sr. D. Carlos acompanhar sua esposa, porque gravissimos negocios o prenderam em Lisboa.

Ha muito se falava em crises politicas e na queda provavel do ministerio Hintze e Franco.

Como quem teima n'um numero de roleta, os alvicaireiros acertaram um dia.

Effectivamente o ministerio está em terra e, com o Sr. José Luciano de Castro na presidencia e reino, estão occupadas as pastas todas por homens importantes do partido progressista, nomes, desde ha muito, conhecidos na historia moderna da politica portugueza.

Era vêr no dia 6 a Arcada, depois de encerradas as sessões das camaras.

Havia tres dias que a certissima queda do ministerio era assumpto de todas as conversações; mas sempre alguém a punha em duvida tão arregado elle parecia ás cadeiras do poder. Ha muito que lhe vibrava a opposição ferrenhos golpes; mais depressa, porém, cançava quem batia do que aquelle que levava, como na conhecida pantomima de palhaços no circo, sem offensa aos nossos politicos.

Afinal cahiu. É certo que será dissolvida a camara e que o decantado Solar dos Barrigas vaê d'esta vez a cova.

Antes o afilhado que o padrinho que lhe deu o nome, e que felizmente continua são como um pero, fazendo de quando em quando, os seus convites para o theatro da Rua dos Condes. E se eu digo *felizmente*, alguém haverá que me perceba.

Não sei de quem foi a lembrança d'aquelle baptisado á camara dos srs. deputados funcionando na Academia Real das Sciencias, mas, muito sinceramente, lhe apresento aqui os meus muito respeitosos agradecimentos.

Lá andavam na Arcada os barrigas todos e muitos d'elles com certeza com o riso mais amarello que o dos ministros demissionarios.

Para alguns d'estes, parece-nos, deverá o dia ter sido de festa.

Nem tudo são rosas, depois de quatro annos de poder.

Uma ou outra coisa fará falta, sem duvida, d'aquellas que acariciam a vaidade.

Uma historia de Carlos Bento. Indo um dia ao paço pedir a demissão, acompanhado na mesma carruagem por um collega no ministerio, disse-lhe este, quando uma sentinella gritou ás armas:

— É a ultima vez que apanhamos d'isto.

E Carlos Bento:

— Mas, se V. Ex.^a quer, tornamos a passar.

E' que assim deixar tudo por uma vez, sem uma despedidasinha mais terna, pôde custar ás vezes.

Deixal-o. Um ministro demittido é, em ponto pequeno, um rei destronado passeando contente e descuidado pelos boulevards de Paris, mas conservando em casa um simulacro de corte. A posição n'este mundo mais invejavel.

Os que chegam entram em maré de rosas, com applausos de todos nos primeiros dias. Grande bonança. O barometro marca bom tempo, o thermometro uma temperatura amena. Bem vão os primeiros dias; tudo é festas e cumprimentos.

Entretanto os demittidos gosam. Uns vão para o campo espraiair, outros viajam, outros o menos que fazem é divertir-se como qualquer burguez. E já não é máo. Diminuem as descomposturas e desaparecem os pretendentes.

O estrudo está á porta, não faltarão distracções. Lá mais para o tarde voltarão os pesadelos da pasta e os terriveis tempos de dormir só d'um olho.

Vai aqui uma nota dos actuaes divertimentos, só para começar.

No theatro da Rua dos Condes representou-se

para beneficio do actor Gil a comedia *Bêbê*, traducção de Pinheiro Chagas.

A peça apesar de velha e feita em moldes estabelecidos pelos comedigraphos francezes, agradou ainda, porque é das melhores em seu genero. O typo do professor é de primeira ordem e o actor Costa, que se encarregou do papel, seguindo as pisadas de Antonio Pedro que n'elle se tornara notavel, foi applaudido e teve no fim de cada acto chamadas especiaes.

Foi, ha já muitos annos, que a peça pela primeira vez se representou no theatro do Gymnasio, onde obteve um exito ainda hoje lembrado e justamente falado. Entretanto, representada depois em Madrid pela companhia portugueza, que ali foi com Lucinda Simões, não conseguiu vencer o publico hespanhol de que Antonio Pedro era um artista de genio.

Foi effectivamente uma má apresentação para esse extraordinario talento, tão fulgurante como cheio de contradições. O papel, embora feito com uma graça unica, baixava, por vezes, no desempenho de Antonio Pedro, até aos limites que a comedia, embora se approxime de farça, não permittia.

Para vingança d'essa opinião de estrangeiros deveria bastar-lhe o elogio entusiastico de Coquelin, quando o viu desempenhando aquelle inolvidavel coveiro do *Hamlet*.

Ahi, sim, era o Antonio Pedro todo inteiro. Graça, observação, genial sentimento da verdade. Um desempenho digno da peça de Shakespeare.

O *Hamlet* continua em scena no theatro de D. Maria, onde brevemente se fará a reprise do *Othello*, a primeira obra do grande dramaturgo ali representada.

A empreza do theatro normal não costuma reclamar as peças, mas d'esta vez fez excepção á regra imposta e mandou collocar pelas esquinas cartazes-avisos.

Não seria preciso, pois que na memoria de todos está o exito alcançado por Brazão, João Rosa e Virginia na interpretação das principaes personagens da grande tragedia shakespeareana.

E' ella das que mais teem commovido o nosso publico e todos discutem com calor a forma porque o papel de Othello foi comprehendido e interpretado pelos grandes tragicos italianos, que ultimamente vieram de visita a Lisboa.

Nunca vimos mais acalorada discussão que a d'aquella noite em que, pela primeira vez, o *Othello*, que todos criam um leão, foi por Novelli representado, indiscutivelmente por uma forma assombrosa, como se a natureza houvera dado ao negro moiro as garras e as entranhas d'um tigre.

O exito obtido pela companhia do theatro normal, quando pela primeira vez pôz em scena a famosa tragedia, assegura novas e consecutivas enchentes áquella sala.

Bem vaê tambem o Gymnasio, onde todos se começavam a faltar de vêr os mesmos enredos e disparates em todas as peças que iam pedir ao repertorio francez, em procurar alguma coisa nova no inexgotavel e gracioso theatro allemão.

O circo das Portas de Santo Antão tambem teve a sua noite cheia com o espectáculo que ali foi dado pelo Real Gymnasio Club Portuguez.

Vaê tomando grande desenvolvimento em Portugal o estudo da gymnastica em todos os ramos.

Bem necessario era, e pena foi que as regras da boa hygiene tão tarde fossem conhecidas entre nós.

No sarau do Real Gymnasio Club apresentaram-se artistas de muito valor nos trabalhos de gymnastica, esgrima e forças.

Dizia um espectador, vendo o sr. Marx levantar com um só braço um peso de noventa kilos:

— Aquillo não é nada. Eu tenho um primo que mette um pataco nos dentes, e puxa por elle, e faz uma tira, que até o D. João VI parece uma garrafa!

João da Camara.



AS NOSSAS GRAVURAS

A DUQUEZA DE MONTPENSIER

No antigo palacio de San Telmo, vetusta vivenda dotal em cujos jardins illuminados pelo sol peninsular nascem as mais formosas flores, e que da sua situação admiravel domina o leito do murmurante Guadalquivir, n'essa deliciosa mansão

cuja posse legou á cidade de Sevilha, a nobre infanta D. Maria Luiza de Bourbon, filha do rei de Hespanha, D. Fernando VII, viuva do duque de Montpensier, irmã da rainha Isabel de Hespanha, mãe da sr.^a condessa de Paris, e portanto avó materna de S. M. a rainha D. Amelia; exhalou, na noite de 1 de fevereiro corrente, o seu ultimo alento, recebendo das mãos do arcebispo de Sevilha, M. Spinola, a benção papal, *in articulo mortis*, enviada pelo cardeal Rampolla, secretario de S. Santidade.

Uma unica vez, o nome da illustre finada ressoou na politica, ligando-se a um dos acontecimentos que mais attrahiram a attenção da Europa, no meado do nosso seculo.

A existencia retirada que a duquesa de Montpensier levava no seu maravilhoso palacio em Sevilha, não pôde nem devia fazer esquecer esse facto. Consiste elle na grande lucta diplomatica a que deram lugar os casamentos simultaneos das duas filhas do rei de Hespanha Fernando VII, isto é, a infanta, depois rainha D. Isabel II, e a infanta D. Luiza Fernanda, princeza das Asturias, depois duquesa de Montpensier.

Mal em 1843 se proclamou a maioridade da infanta D. Isabel, logo se tornou ella um assumpto de intriga para as chancellarias. A Inglaterra propoz immediatamente como candidato á sua mão o principe Leopoldo de Saxe-Coburgo-Gotha, que, allora as suas numerosas alianças, era primo da rainha Victoria. O imperador d'Austria era partidario d'um Bourbon de Hespanha, o infante Carlos Luiz, conde de Montemolin, filho do pretendente D. Carlos. N'esta fusão dos dois ramos reaes, M. de Metternich via um termo ás sanguinolentas desordens que agitavam a peninsula.

Em Franca pensava se n'um principe da casa reinante, no duque de Aumale ou no duque de Montpensier. Mas quaesquer que fossem os seus projectos no tocante á Hespanha, o rei Luiz Philippe não esquecia os dissabores que Napoleão e Luiz XVIII tiveram por se terem intromettido directamente nos negocios d'esta nação. O essencial para elle e para a sua politica era achar no futuro marido da joven soberana, como tambem no de sua irmã, uns partidarios devotados da influencia franceza. N'esto intuito, pensava no conde Trapani, sobrinho da rainha D. Maria Amelia, e irmão do rei de Napoles, Fernando II.

Da parte da Hespanha, pelo contrario, era a questão dos filhos, diversamente apreciada, do infante D. Francisco, irmão de Fernando VII e da infanta D. Carlota, princeza das Duas Sicilias, irmã da rainha D. Maria Christina, D. Francisco de Assis e D. Henrique, duque de Sevilha, o qual se tornou celebre por um duello que teve com o duque de Montpensier.

A preocupação, causada por esta questão dos casamentos hespanhoes, tornou-se tão importante que o governo francez enviou a Madrid como embaixador o mais habil dos seus diplomatas, o conde de Bresson, o mesmo que, em Berlim, tomara uma parte decisiva no casamento do duque de Orleans, e a cujas instigações, um pouco mais tarde, a Belgica offereceu o seu throno ao duque de Nemours.

Mal chegou ao seu destino, o novo embaixador tratou de captar as sympathias e as boas graças da corte. Como primeiro successo, obteve que a rainha mãe, D. Maria Christina, exilada por Espartero, fosse chamada a Madrid. O seu favor não deixou de augmentar, provocando em Pampelona uma primeira entrevista em que o duque de Aumale, acompanhado da duquesa de Nemours, se encontrou com a rainha mãe, a rainha D. Isabel II e a infanta D. Luiza Fernanda.

Foi então que se travou a lucta diplomatica a que a Europa inteira assistiu attenta, e na qual entraram por sua vez o rei Luiz Philippe e a rainha Victoria, M. Guizot e lord Palmerston, lucta que sustentaram encarnicadamente, em Madrid, o conde Bresson por parte da Franca, e pela Inglaterra sir Henry Bulwer, seu embaixador.

Procurando, como se fazia, neutralisar a influencia franceza na Europa, importava essencialmente a lord Palmerston o impedir que um dos principes francezes desposasse, quer a rainha de Hespanha, quer a infanta sua irmã, porque em caso de fallecer a primeira, a infanta devia succeder-lhe.

As instrucções dadas a este respeito a sir Bulwer eram tão imperiosas como formaes. As candidaturas indicadas e em cujo favor nada devia descurar, eram na ordem seguinte: D. Henrique, duque de Sevilha, o mais incompativel com a Franca, desposaria a rainha; quanto ao principe Leopoldo de Saxe-Coburgo-Gotha receberia a infanta. O ministro inglez, n'uma das suas notas, explicava: «O duque de Sevilha é o homem dos radicais, o candidato de Olozaga e dos hespanhoes

refugiados em Londres. Develmol-o apoiar com todas as nossas forças.»

Graças à sua habilidade e ao favor que adquirira, o conde de Bresson foi bastante feliz para destazer todos estes manejos. Comtudo, D. Maria Christina, affastou-se um pouco d'elle, mas o conde diplomata soube tão bem ligal-a à causa franceza que o voto definitivo da rainha mãe foi o de casar D. Isabel II com o duque de Montpensier, o unico dos filhos de Luiz Philippe, no qual se podia pensar, porque entretanto o duque de Aumale se casara em Napoles. Narvaez, o ministro hespanh l, era igualmente partidario da candidatura do joven príncipe francez. «Um homem, dizia elle, que como elle pratica o seu dever de soldado é o que convem mais à nossa rainha.»

Uma circumstancia veiu lançar em certo embaraço o conde de Bresson, porque o gabinete francez, em razão das cartas trocadas entre Luiz Philippe e a rainha Victoria, fóra levado a modificar a sua politica. O embaixador francez acabou por confessar a Narvaez que o rei dos francezes, achando n'esta união o mesmo inconveniente que teria tido se o duque de Nemours aceitasse o throno da Belgica, promettera à rainha de Inglaterra que nenhum dos seus filhos desposaria a rainha de Hespanha.

Além d'isto, o embaixador francez, que tinha todo o empenho em contrariar a politica de lord Palmerston, insinuou que, se o casamen o do príncipe com a rainha se tornara impossivel, não acontecia o mesmo com respeito à sua união com a infanta, sobretudo se o marido que se desse a D. Isabel II offerecesse uma escolha favoravel à França.

Posta a questão n'este terreno, o conde Bresson tratou por de accordo todas as conveniencias. Finalmente, ficou decidido que o duque de Montpensier teria a mão da infanta e que a rainha, ao contrario do empenho orgulhosamente expresso pela Inglaterra a favor de D. Henrique, desposaria o duque de Cadiz, D. Francisco de Assis.

Para estabelecer mais nitidamente o alcance politico d'estes dois casamentos, combinou-se tambem que se realisariam ambos no mesmo dia.

Assaz cruel foi o desampontamento da Inglaterra quando isto se soube. Sir Bulwer pedira a sua demissão. Lord Palmerston respondeu lhe seccamente que não era occasião de se demittir mas sim de trabalhar energicamente para quebrar os casamentos combinados.

Mas tudo foi de balde ante a energia do governo hespanhol e habilidade do conde de Bresson.

Em 27 de agosto de 1844, a rainha D. Isabel declarou aos seus ministros aceitar a mão de seu primo o duque de Cadiz e que consentia no casamento de sua irmã com o duque de Montpensier.

A 25 de setembro seguinte, teve lugar em audiencia solemne, no palacio real de Madrid, a cerimonia de pedir a mão, e na sala do throno no mesmo palacio, a 8 de outubro de 1846, foram celebrados os dois casamentos.

Demoramos-nos um pouco sobre este incidente da vida da fallecida duqueza, porquanto se tornou um facto de singular importancia politica.

Morreu a illustre infanta hespanhola, tão piedosamente como vivera. Durante a sua vida agitada e incerta, a illustre duqueza procurou em Deus o seu apoio, buscando na verdadeira religião a linha da sua conducta, a educação de seus filhos, dos quaes são hoje ainda vivos um varão, o infante D. Antonio, que desposou a infanta D. Eulalia, sua prima, filha da rainha D. Isabel, e uma filha, a nobre condessa de Paris.

A estes dois filhos da princeza extinta, ainda a Providencia permittiu recolhessem o ultimo suspiro de sua mãe, mas embora S. Magestade a rainha D. Amelia partisse de Lisboa para Sevilha, em comboio expresso, não lhe foi dada a suprema consolação de acompanhar nos derradeiros momentos a sua avó.

A incendrada caridade que sempre animou a duqueza de Montpensier, mais se afirma agora que são conhecidas as suas disposições testamentarias.

Fonte de nobres e elevados exemplos para toda a sua familia, a recordação da fallecida infanta D. Maria Luiza ha de ser para todos que a choram uma doce imagem de virtudes e de bondade.

Experimentou-lhe Deus a resignação, e a sua vida passada no placido silencio da virtude, teve provações terriveis: viu duas vezes exilado o esposo querido; de seus numerosos filhos só lhe restavam dois; perdera sucessivamente a princeza D. Amelia, fallecida aos dezoito annos, na mais esperançosa quadra, a princeza D. Christina, que morreu aos vinte e sete, a princeza D. Maria aos dezoito annos; a encantadora e chorada rainha D. Mercedes, sua terceira filha, primeira esposa de D. Affonso XII, fallecida aos dezoito annos,

apoz poucos mezés de casada, e finalmente os principes Philippe, Luiz e outro, ainda meninos, e por ultimo, em 1850, o duque de Montpensier, que morreu de repente.

A tantos desgostos corresponderam os mais tocantes e unanimes testemunhos de consideração e affecto, as provas da mais profunda sympathia.

Ha alguns annos que a duqueza de Montpensier soffria do mal que a victimou, e recusando muitas vezes o tratar-se, quasi que não bebendo; atacavam-n'a os mais difficeis embaraços gastricos. Ainda, em 1852, e depois em 1854, estivera nos ultimos extremos, mas de ambas as vezes triumphou da doença a sua robusta constituição animada pelo tratamento e cuidados, que a nobre princeza, tão depressa se achava melhor, logo descurava.

Hoje acha-se o seu corpo embalsamado e depositado, ao lado do de seu marido, nos tumulos do Escorial, gozando a bemaventurança, justo premio de uma vida toda amor, toda virtude, toda ensinamento.

DR. RODRIGUES DE AZEVEDO

A universidade de Coimbra e a tribuna sagrada perderam um dos seus mais distinctos ornamentos, porque uma e outra foram honradas pelo dr. Rodrigues de Azevedo, com o brilho do seu talento, com as excellencias do seu character.

Foi longa a sua vida e por isso tambem longa a sua lista de serviços que o recommenda à posteridade, como um dos talentos mais prestantes que teem brilhado n'este paiz.

Nasceu o dr. Francisco Rodrigues de Azevedo, em Coimbra, a 8 de outubro de 1811. Seus paes tinham poucos meios de fortuna e por isso fizeram grandes esforços para o educarem na carreira que tão superiormente trilhou.

Estudou preparatorios no Collegio das Artes, passando depois a estudar theologia na Universidade, onde se doutorou a 22 de julho de 1838, tendo sido um estudante distinctissimo.

Entrou para lente da Universidade em 2 de março de 1848, e poucos ali terão exercido o magisterio de forma tão superior, como são testemunha quantos passaram pela sua aula e que conservam do lente as mais gratas recordações.

No Seminario diocesano tambem deixou boas recordações do tempo em que ali exerceu o magisterio. Foi conego mestre da Sé Cathedral de Coimbra e na ausencia do sr Bispo Conde, governou por vezes o bispado.

No pulpito foi que ainda mais notavel se tornou e d'isso temos testemunho bem eloquente, não só de todos que o ouviram, mas principalmente o do grande Silveira Malhão, que foi uma gloria da tribuna sagrada.

Em umas cartas de Malhão ao dr. Rodrigues de Azevedo, se revela bem a admiração e apreço que o notavel orador sagrado tinha pelo illustre extinto.

Na carta, por exemplo, em que Malhão agradece a offerta de um livro do dr. Azevedo, encontram-se os seguintes períodos:

«Eu já conhecia o nome de V. S.ª pelos jornaes, e já possuia as eloquentes orações que deu ultimamente ao prelo. Não lhe sei dizer o que me tem arrebatado e consolado mais, se a eloquencia, se a erudição, se o saber profundo, se a pureza da fé, que descubro n'ellas.»

«Eu já tinha, torno a repetir, as preciosas orações de V. S.ª, e conhecia por ellas (quanto a minha fraqueza pôde alcançar) a sublimidade do seu espirito; agora fiquei conhecendo a bondade do seu coração. Bacon dizia (como V. Sr.ª sabe melhor do que eu) que a pouca sciencia levava à incredulidade, e a muita à religião. Eu digo, parodiando esta sentença, do philosopho inglez, que a pouca sciencia faz orgulhosos, e a muito humildes. E será pequena humildade honrar de semelhante modo o lente cathedratico de theologia da nossa Universidade um pobre padre de aldeia? Ao *eximio orador!*... Não risco meu respeitavel sr., deixar estar como está: conserve se assim para monumento da sua bondade e motivo, de minha confusão.»

É um testemunho altamente honroso para o finado professor da universidade; é ao mesmo tempo um modelo de elegancia e pureza da lingua patria.

Muitos se lembram ainda do brilhante discurso do dr. Rodrigues de Azevedo, na capella da Universidade sobre a *Vida de Jesus*, de Renan, que foi um completo triumpho para o orador, e em que este fez a critica scientifica e litteraria da obra magistralmente, destruindo pela base todas as considerações do celebre auctor francez.

Ainda ha bem pouco tempo o dr. Rodrigues de Azevedo, sendo eleito par do reino, foi recebido na Camara dos Pares com as maiores provas de consideração, levantando-se todos e indo recebê-lo à entrada, felicitando-se por contar no seu gremio uma das maiores illustrações d'este paiz.

Por mais de uma vez instaram com elle para aceitar uma mitra prelaticia, instancias a que nunca accedeu porque a isso se oppunha a sua excessiva modestia.

O papa Pio IX distinguio o dr. Rodrigues de Azevedo com cartas suas autographas, segundo affirma o sr Martins de Carvalho, no *Conunbriense*, d'onde nos temos soccorrido para estas ligeiras notas biographicas.

O dr. Rodrigues de Azevedo tinha a carta de conselho que lho competia por ser lente de prima com os annos da lei.

Firme nas suas convicções de legitimista, a bondade e hombridade do seu character, deu-lhe toda a tolerancia, respeitando e acatando as leis vigentes, como espirito ordeiro que era.

A doença que o prostou no leito, levou-o à sepultura ao fim de longo soffrimento, no dia 12 de janeiro, sendo o seu funeral concorrido por todo o corpo cathedratico, a academia, as auctoridades civis, ecclesiasticas e militares de Coimbra, orando à beira do tumulo o sr. dr. Bernardino Machado, que em eloquentes e levantadas palavras fez o elogio do illustre extinto.

CONVENTO DO BOURO

É na formosa provincia do Minho e na margem direita do Cávado que está a povoação denominada Bouro; assente em um valle ameno e fertil, rodeado de montes, onde pastores e pastoras guardam seus rebanhos e levam vida quasi primitiva, em seus amores, o que deu logar a certo costume a que se refere o auctor do *Diccionario abreviado de churographia*, sr. J. A. d'Almeida.

Esse costume, extremamente curioso de simplicidade é o seguinte:

Quando alguma camponeza ou pastora se casa, antes de irem os noivos para a igreja, vae um parente do noivo bater à porta da noiva, onde o espera um parente d'esta e estabelesem este dialogo tirando ambos os seus chapéus:

— Que procuraes? pergunta o parente da noiva. Ao que o outro responde:

— Mulher, honra, fazenda e dinheiro.

E logo o primeiro vae buscar a noiva pela mão e apresentando-a ao recémvindo, diz:

— Ella cabras guardou; sebes saltou; se em alguma se espetou e a quereis, assim como é, assim vol'a dou.

Depois d'este dialogo dirigem se todos para a igreja onde se celebra o casamento, devendo os conjugues viverem sempre em boa união, porque aquellas palavras trocadas antes do casamento são como que a agua do baptismo que lava de todas as culpas passadas.

Esta simplicidade de costumes é de pura idade media.

Deixemos porém os pastores de Bouro e vamos ao assumpto da nossa gravura, o convento de frades Bernardos, cuja origem é anterior à fundação da monarchia.

Pelo que diz a historia, o fundador, ou melhor o que deu causa à fundação d'esta convento, foi um fidalgo da corte do conde D. Henrique. Pelayo Amado, se chamava, ficando viuvo e immerso em grande desgosto, se retirou do convivio da corte e do mundo, para as serras do Bouro e ali, com outro companheiro, viveu como eremita, construindo por suas mãos uma pequena capella dedicada a Nossa Senhora. Com o tempo vieram mais juntarem-se aos dois anachoretas.

Mais tarde D. Affonso Henriques, tomando em consideração o pedido de Pelayo Amado, mandou alguns frades de Alcobaca para o Bouro, e ali estabeleceram a ordem de S. Bernardo, dando-lhe a villa de Santa Martha de Bouro, os disimos do sal de Fão e outras rendas e herdades. Assim se construiu o primeiro convento, professando os eremitas, em abril de 1159.

Depois de feita a construcção ainda o mesmo monarcha lhe augmentou as rendas com o senhorio do couto de Bouro, e tendo-se queimado o cartorio do convento em 1163, D. Affonso Henriques, fez-lhe nova doação confirmando a antiga.

El-rei D. Sancho II tirou aos frades o senhorio de Bouro, e estes tiveram por isso que o comprar pagando mil maravedis de oiro, o que prova o grande valor que tinha então aquelle couto.

Apesar d'esta compra, D. Affonso III quiz annullar aquelle direito, mandando derrubar os padrões que marcavam os limites do couto e ar-

mando demanda aos frades, em que estes parece perderam, porque D. Diniz, filho de D. Afonso III restituiu tudo aos frades por provisão de 10 de março de 1317.

Entre os fastos historicos d'este convento citaremos, como o mais notavel, a parte importante que os frades de Bouro tomaram na guerra da independencia, do seculo xiv, feita por Castella a Portugal.

O abbade de Bouro armou 600 homens e com elles foi esperar os hespanhoes na Portella do Homem, e surpreendendo-os n'um desfiladeiro derrotou-os completamente apesar dos hespanhoes serem 2:000. Foi grande numero de mortes, assim como prisioneiros, alguns dos principaes senhores de Galliza.

Por esta façanha D. Nuno Alvares Pereira, em nome de D. João I conferiu aos abba-des de Bouro os titulos de capitão-mór e fronteiro-mór, com a regalia de *appellar* gente para a guerra, dizerem missa, em tempo d'ella, só com a *capula* e trazerem pagem d'armas em signal da sua dignidade militar.

O actual convento de Bouro meio arruinado, não é o primitivo, mas o que os frades construíram proximo das margens do Cavado e para onde se mudaram em 1160, deixando o antigo, situado em logar agreste e desabrido.

O convento está edificado n'um vasto terreiro ou largo onde ha feira duas vezes por mez.

A igreja é um templo vastissimo, de oito naves, com nove capellas, tendo ali a capella de Nossa Senhora do Rosario, que foi até 1834 orago da freguezia e que por esse



DR. RODRIGUES DE AZEVEDO — FALLECIDO EM 11 DE JANEIRO DE 1897

(Copia de uma photographia do sr. A. S. Sousa)

tempo se mudou para esta igreja.

Nos fins do seculo xvii foi este edificio reedificado, como hoje se vê, principalmente a igreja. As dependencias do convento, parte das quaes são residencia do parochio, estão cahindo em ruina.

DE VOLTA DA GUERRA

A satisfação de um feliz regresso, compensa todas as tristezas e lagrimas da partida; é essa doce sensação que devem sentir aquelles dois jovens que fazem o assumpto do nosso quadro.

As lagrimas da partida trocaram-se agora nos sorrisos, na alegria que lhes inunda a alma; agora que elle voltou da guerra, triumphante, agora, que por isso mesmo, elle ama mais do que nunca.

Voltou da guerra e trouxe gloria e dinheiro, mais do que era preciso para se cazarem os dois.

Elle conta-lhe o que passou na campanha. Ella escuta, attenta, enlevada, o seu heroe.

Tão novo ainda e já tem que contar. Como é bom sahír do recanto da aldeia, vêr mundo, correr aventuras e voltar depois a matar saudades do que se deixou no humilde lar, e tanto mais quando ali ficou o coração preso pelo primeiro amor!

O TIGRE

O tigre é o mais feroz dos animaes carnivoros, rival do rei dos sertões, o leão, não



CONVENTO DE BOURO

(Copia de uma photographia do sr. Carlos de Sousa Pimentel)

podendo encontrarem-se estas duas feras, sem que uma d'ellas fique morta no campo da lucta.

O celebre caçador francez Jules Gerard confirma isto no seu livro *A caça ao leão*.

Mais indomavel que o leão, o tigre era considerado indomesticavel até ha poucos tempos, em que alguns domadores pacientes e ousados, o tem conseguido submeter.

Para isso tem criado tigres pequeninos filhos de femeas já engaioladas em successivas gerações, habituando-os de principio quanto possivel a ali-

ta de Rodrigues Cordeiro, a quem, desde 1861, me uniu amizade fraternal e devotada, pois lhe dei a minha apresentação e a do meu «D. Jayme» a Castilho, depois de pacientemente me ouvir a sua leitura em companhia d'um meu patricio e amigo, o erudito Visconde de Villa Mendo, na minha casa da rua dos Douradores. Ia visitar a Beira, na companhia de sua esposa, a graciosa senhora D. Maria da Piedade Moreira Freire Manuel d'Aboim. De Parada de Gonta fomos visitar Vizeu, Mangualde, Fornos d'Algodres, Celorico da

D'ali fomos hospedar-nos em Torrozzello, na casa de um já finado amigo, Francisco Augusto de Abranches Homem Brandão, onde encontramos seu filho, nosso particular amigo, José de Abranches, e as suas duas filhas, ainda então solteiras, as senhoras D. Carlota e D. Constança. A senhora D. Constança, que era n'esse tempo o enlevo e a alegria da Beira Alta, a mais alegre, a mais descuidosa, a mais caritativa e affectiva fidalga d'aquellas cercanias, casou depois com o dr. Manuel José da Silveira, de Sandomil Teve



DE VOLTA DA GUERRA

mentos cosidos e a calmantes, conseguindo domar-lhe os instinctos.

Assim o conta uma folha americana, referindo-se a um domador de feras que ali está exhibindo as suas habilidades.

Decididamente o fim do seculo XIX reserva-se as maiores surpresas, como esta de *tigres doces*, criados... a pão com manteiga e chá.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES CORDEIRO

(Concluido do n.º 651)

Ha poucos annos recebi na minha Beira a visi-

Beira, Guarda e Torrozzello, voltando pela estrada de Coimbra, sempre encostada á vertente noroeste da Serra da Estrella. D'esse encantador passeio, lembram-se de certo ainda, como eu e Cordeiro nos lembramos, os nossos hospedeiros; em Vizeu os srs. viscondes do Serrado; em Mangualde, a senhora Condessa da Anadia e a sr. D. Julia Seguiet, hospeda então da nobre condessa; a senhora Condessa de Fornos e as suas encantadoras filhas. Ali nos demorámos, esquecidos de que a Beira se estendia ainda para além d'aquelles valles floridos, e do seu Lethes Mondego. Na volta para Coimbra, Cordeiro, avistando Fornos ao longe, voltou aos seus tempos de improvisador e derramou-se em versos de occasião, com grande applauso nosso—da sua esposa e eu.

dois filhos, encanto e esperanza dos seus corações. N'uma semana morreram aquelles filhos e pouco depois a infeliz senhora vestiu os crêpes da viuvez! Ha venturas que se despenham!

As suas duas irmãs, as senhoras D. Carlota e D. Emilia, haviam já casado, uma com o dr. Cezar A. Homem Brandão, a senhora D. Emilia com o dr. Sebastião da Costa Brandão e Albuquerque, seus parentes e hoje ambos juizes de direito. Tivemos a ventura de encontrar em Torrozzello um parente muito proximo d'aquella familia illustre, um dos cavalheiros mais originaes e mais engracados da Beira Alta—Antonino Homem de Abranches Brandão, da casa de Travancinha. As aventuras de Antonino, cujo nome escrevo aqui como protesto d'uma grande amizade, as aventuras de

Antonino Homem, que é mais alto que o sr. bispo de Coimbra, dariam um grosso e interessante volume.

Ali nos separámos.

Já tive de fallar na esposa de Rodrigues Cordeiro; e sinceramente tenho fugido quanto possível de lhe escrever o nome, tal é a dor que elle desperta n'este modestissimo estudo, que devia ser todo consagrado a boas vindas e parabens. A sombra succede á luz e o registo das tristezas não pôde pôr-se de parte, tanto elle avulta nos traços biographicos do homem sem mancha cuja biographia tracejei.

Não faço a critica das suas obras, e d'industria a não faço; esse trabalho gratissimo pertence aos seus leitores, que têm o desejo e o direito de julgar por si, os que ainda não julgaram, que serão poucos, porque o poeta não publica hoje, collecção as obras que tem publicado e muitas d'ellas são profusamente conhecidas.

Venham enfim as notas tristes, já que lhes não posso fugir.

Em 1856 perdeu Rodrigues Cordeiro seu pae, victima do cholera morbus.

Em 30 de janeiro de 1869 perdeu sua mãe que já contava 95 annos de idade.

Seus irmãos são finados tambem.

A 23 de agosto de 1886 perdeu a sua esposa. E como?!

Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro havia desposado a 19 de setembro de 1850 uma das mais formosas e das mais graciosas damas da alta sociedade da capital, a senhora D. Maria da Piedade Moreira Freire Manoel de Aboim, ligada por sangue com a mais antiga nobreza do reino, porque a sua familia vae entroncar no seculo xiii com D. João Peres de Aboim, valido mordomo-mór de D. Affonso 10, e ainda depois de D. Diniz, no reinado seguinte. Cordeiro exclamou, de certo, ao defrontar-se com aquelle rosto, que até á morte conservou a frescura e as graças da primitiva juventude:

— «Quo pulcrior alter non fuit!» —

Ella achou no ardente e festejado poeta, no entusiasta admirador, no submisso namorado, o ideal dos seus sonhos. A realida te feliz d'um casamento foi o epilogo d'esse poema, de que uma só palavra forma a unica estrophe. O maior e o mais resumido dos poemas; sem originalidade e sempre julgado novo; poema que faz os poetas e que os poetas julgam fazer; verbo da creação, genesis do infinito, evangelho reconhecido, acatado, confessado, por todas as escholas romanticas, mysticas, sentimentaes ou realistas da religião da poesia.

Ainda no dia 19 de julho de 1877, Cordeiro escrevia no *Album* da esposa aos annos d'ella:

— «Eu sei que o teu pensamento, como a agulha ao mareante, me segue a cada momento, sejás presente ou distante:

que um affecto outro revoca,
e a dor á dor corresponde,
que qual echo que se invoca,
tua alma á minha responde.

Se somos um, se concordas
que temos o mesmo dom
que dois cantos, duas cordas
que afinam no mesmo tom,

hoje, meu dia de enlevo,
dia de gala e de amores,
em que tu nasceste e eu devo
juncar-te a senda de flores,

hoje, data abençoada,
meu dia grande e jucundo,
em que vieste destinada
a completar-me no mundo;

que te direi, minha vida,
num livro a todos aberto?
— que a sua folha mais lida
a minha será de certo!

tes versos cheios de amor, de primavera de delicias. Pois bem; se elle assim vos disse como amava e como era amado, a elle fique o tremendo encargo de descrever a agonia da sua esposa e a sua pavorosa morte! a elle, que assistiu á catastrophe, que lhe ouvia os gritos dilacerantes, que a viu enroscada pelas serpentes das chammas, correndo desvairada pela casa toda, mais atendo a fogueira que a devorava:

— «Entre espiraes de chammas
vi a cheia de horror, de medo, louca,
supplice, as mãos erguidas, boqui-aberta,
correndo para mim, clamando afflicta:
— Querido da minha alma! eu morro! eu morro!
acode-me por Deus! — como salvai-a?
Em torno d'ella uma fogueira enorme,
deixando atraz de si fragmentos igneos:
da tunica de fogo que a cingia!

Horrorosamente bello! Fugamos!

Eu sei que vivo porque sinto e peno,
e sei bem onde estaes, ó minhas lagrimas;
não me escoldeas as faces não, mas sinto-vos
dentro do coração, envenenando
sangue que teima em alentar-me a vida.

O pae, a mãe, irmãos, a esposa, todos a morte me roubou. Que pois me resta, conviva estranho no festim do mundo? Olho em volta do ninho solitario, vejo, sim, o logar da companheira, mas não a vejo ali. — Ermo, que queres?

O ermo quer que trabalhe, que estude, que colija os seus escriptos, que faça o que esta fazendo agora; para isso lhe dá silencio, para isso lhe dá solidão, para isso lhe dá sombra, para isso é ermo. O ermo quer que tenha saudades; que no seu intimo preste culto aos seus amores; para isso é triste e é solemne.

Arroteou, semeou, produziu, colheu, encelleiro agora as *esparsas* riquezas de seu grangeio litterario, e, como Job, bemdiga a mão que o feriu, pensando que, menos infeliz que o leproso da Escripura, não pôde dizer como elle:

— «Omnes amici mei dereliquerunt me et qui me noverant obliti sunt mei!»

Praia da Feitoria, 8 de setembro de 1888.

Thomaz Ribeiro.

ASPIRAÇÃO

Versos originalmente escriptos em castelhano por D. Antonia Dias Lamarque de Nova
e traduzidos em italiano pelo Rev. Prospero Peragallo

ASPIRACIÓN

Publican orbes mil tu poderío
Y tu gloria infinita;
Mas tu bondad sin límites; Dios mio!
Vive en mi pecho escrita.

Tú la conciencia del deber me diste
Desde mi infancia tierna,
Y santo amor si bien en mi infundiste
Y afán de dicha eterna.

En la creación inagotable fuente
Me diste de poesia,
Donde pude templar la sed vehemente
Que mi pecho encendia.

Rompí el alma sus lazos terrenales
Y, elevada á tu alteza,
Abrevóse en los magicos raudales
De celestial belleza.

¿Que importa que después, débil mi acento,
Nunca feliz consiga
Interpretar el hondo sentimiento
Que oculto en mí se abriga?

¡Oh! si: del Cielo contemplar las galas
Con vivo afán creciente;
En la insondable inmensidad sus alas
Libre tender la mente:

Ver espacios sin fin de igneos estrellas,
De soles mil, poblados,
Faros que alumbran las ignotas huellas
De mundos ignorados;

Llegar á Ti, de quien la dicha brota,
Por tu amor atraída,
Y la corriente que jamás se agota
Mirar de luz y vida.

¡Inefable placer! ¿Que más ventura
Acaso consiguiere
El alma que en tu fe vive segura,
Y en tu bondad espera?

¡Oh! permite, Criador potente y sabio,
Que tus obras admire,
Aunque por siempre en mi aterido labio
Pobre mi canto expire.

Y cuando el coro universal te aclame
Omnipotente, Eterno,
Con profundo fervor mi voz te llame
Padre benigno y tierno.

Padre, Padre de amor, que al bien me guías,
Que mi ser ennobleces
El Cielo abriendo á las miradas mías,
¡Bendita tu bondad, una y mil veces!

ASPIRAZIONE

Cantano i mondi, o Dio, la tua potenza,
La tua gloria infinita;
Ma ognora la inesaurita tua clemenza
Vive in mio cor scolpita.

Tu la coscienza del dover mi desti
Fin dall' infanzia pura,
Amore alla virtude in me infondesti
E al ben che eterno dura.

Nel creato mi offrìsti una potente
Fonte di poesia,
Dove saziar potei la sete ardente
Che il petto mio soffria.

Spezzò l'alma i terrestri impedimenti,
E, sorta alla tua altezza,
Si abbeverò nei magici torrenti
Di celestial bellezza.

Che importa poi che il mio debole accento
Non sia felice guida
A interpretar l'intenso sentimento
Che occulto in me si annida?

Oh, si! del Cielo contemplar le gale,
E in quella gran visione,
In quella ampiezza sconfinata l'ale
Spiegir la mia ragione;

Spazi eterei veder senza confine
Di soli e stelle ornati,
Fari che irragian l'orme peregrine
D'altri mondi ignorati;

E giunger sino a Te, Gioia Suprema,
Nell'amor tuo rapita,
E la corrente tua, che non mai scema,
Mirar di luce e vita.

Oh piacer sommo! Qual maggior ventura
D'ottenere ha fidanza
L'anima che in tua fe vive sicura,
E in tua bontà ha speranza?

Permetti, o Creator potente e santo,
Ch'io l'opre tue ammiri,
Benchè per sempre il povero mio canto
Sulle mie labbra spiri.

E quando il coro universal ti acclami
Eterno, Creatore,
Con pio fervor la voce mia ti chiami
Padre d'immenso amore.

Padre, Padre d'amor, che al ben mi sproni,
Fai nobil l'esser mio
Il Cielo aprendo alle mie aspirazioni,
Sia benedetta tua bontade, o Dio!

Apoz 18 annos de casado, Cordeiro escrevia es-

D. Antonia Dias Lamarque de Nova.

Tradot. de Prospero Peragallo.

O NARIZ DO TABELLIÃO

PCRE-ABOUT

IV

CHACHIAN ROMAGNE

Chama-se Romagné, appellido do pae. Na pia do baptismo, o padrinho e a madrinha tinham-lhe posto o nome de Sebastião; como era, porém, natural de Frognac-les-Mauriac, departamento do Cantal, invocava o seu orago sob o nome de *Cham Chébastian*.

Tudo nos leva a crer que houvera escripto o prenome com *ch*, mas, por fortuna, não sabia escrever. Este filhote do Auvergne teria então seus vinte e tres ou vinte e quatro annos, e constituição, a de um hercules: alto, cheio, atarracado, reforçado, ossudo e de boas côres; forçoso que nem um boi, manso, porém, e deixando-se levar tão facilmente como qualquer cordeirinho branco. Homem da mais rija tempera e da melhor, mas também da mais grosseira — não imaginam!

Dos dez irmãos, machos e fêmeas, era o mais velho, e fervilhavam todos, feros e sãos, ao abrigo do tecto paternal. O pae era dono d'uma choça, á beira d'uma fazenda, tinha u-s castanheirões lá na serra, anno por outro, meia dúzia de cevados, e dois braços alentados para amanhoar o chão. A mãe fiava a estopa, os rapazes davam ajuda ao pae, as cachôpas tratavam da casa e lá iam servindo de amas sêccas umas ás outras, por escala e á medida que iam espigando.

O joven Sebastião, — para que digamos, nunca brilhou muito pelos dotes intellectuales; fraca memoria — bestunto pouco atilado; alma, porém, tinha-a para dar e vender. Ensinarão-lhe meia dúzia de capítulos do catecismo, como aos melros se ensina a assobiar a *Maria Caxucha*; mas cedo demonstrou, e manteve sempre, sentimentos de bom christão. Não abusava jámais da propria força contra homens ou animaes; não era nada propenso a desordens e apanhava até o seu carôlo sem dar trôco. O digno sub-prefeito de Mauriac se um dia se lembrasse de lhe conferir medalha de prata — era só escrever para Paris; pois saíam que o Sebastião livrou, com perigo de vida, mais de uma pessoa, — não vamos mais longe — dois gendarmes, que por um triz se não afogam na caxeira do rio Saumaise, elles e mais os cavallos.

Toda a gente, porém, achava taes actos coisa muitissima natural, visto como os fazia por mero instincto, e pensavam tanto em lhe conferir recompensa, como poderiam ter pensado em recompensar um cão da Terra-Nova.

Aos vinte e um annos, cumpriu com a lei, e sahio-lhe numero favoravel, mercê d'uma noyena que rezou mais a familia. Livre, pois, determinou ir até Paris, conforme os usos e costumes lá do Auvergne, a ver se ganhava algumas pratitas, para ajuda do pae e da mãe. Deram-lh'um fato de veludilho e vinte francos, quantia ainda hoje bem bonita, lá pelo districto de Mauriac, e elle aproveitou a occasião e veiu na companhia d'um camarada que sabia o caminho para Paris. Fez a jornada a pé, em dez dias, e chegou ao termo fresco e bem disposto, com os seus doze francos e cincoenta na algebeira e os sapatos novos na mão.

D'ahi a dez dias, rebelava elle uma pipa, ajudado por outro companheiro, que não podia subir escadas por ter *dado um jeito*. A troco do seu trabalho, davam-lhe casa e cama, prato e roupa lavada — a razão d'uma camisa por mez — não contando trinta soldos cada semana, pelos recados que aviava. Ao cabo de um anno, comprou, das suas economias, um barril em segunda mão, e estabeleceu-se por conta propria.

O exito excedeu-lhe a expectativa. A ilhana urbanidade, a condescendencia infatigavel e a reconhecida probidade em breve o tornaram bem-quisto de todo o bairro. Os dois mil e tantos degraus que subia e descia todos os dias, foram indo, pouco a pouco, até sete mil. Mas tambem já chegava a mandar sessenta francos, cada mez, áquella santa gente lá de Frognac.

Abençoava-lhe a familia o nome e recommendava-o a Deus, de manhã e á noite, nas suas orações; os pequenos apanharam calções novos, e já se pensava, nada mais e nada menos, do que em mandar os mais novitos para a escola.

O auctor de tantos beneficios não alterára, fosse no que fosse, o seu modo de vida; dormia encostado ao barril, debaixo d'um telheiro, e, quatro vezes por anno, mudava a palha á cama. A farpella de veludilho andava mais remendada que nem um fato d'arlequim. Verdade, verdade, o ves-

tuário ficava-lhe muito em conta; o peor eram os mofinos des sapatos que gastavam, por mez, obra de um kilogramma de prégos. As despesas da ucharia eram a coisa unica em que elle não ratinhava. Outorgava á sua pessoa, e sem regatear, quatro arrateis de pão, por dia. Ás vezes, chegava a mimosear o estomago com seu naco de queijo, uma cebolla, ou meia dúzia de maçãs arrematadas a olho, nos estendões da Ponte Nova. Aos domingos e dias santos, tractava-se a sopa e a vacca, e ficava a lambar os beiços a semana toda. Como bom filho e bom irmão que era, não se atrevia a atirar-se ao seu copito de vinho. «Vinho, amor e tabaco» eram, para elle, drogas fabulosas; conhecia-as apenas de nome. Com mais razão ainda ignorava, de todo, as delicias do theatro, tão grato aos operarios de Paris. Quadrava mais ao nosso chibante ir-se deitar, gratis, logo ás sete horas, do que estar a applaudir Mr. Dumaine, por dez soldos.

Tal era, no moral e no physico, o homem a quem o dr. Bernier bradou, na rua de Beaune, para que viesse emprestar da pelle a Messer L'Ambert.

Os famulos da casa, prevenidos, mandaram-n'ò logo entrar.

Entrou, acanhado, de chapéu na mão; alevantou os pés, quanto podia, sem se atrever a assentá-los na alcatafa. A borrasca, de manhã, atascára-o em lama até aos peitos.

— Che é agua que quer, disse, fazendo sua venia ao doutor, xabera que eu...

O doutor Bernier cortou-lhe a palavra...

— Não é isso, rapaz: não te chamei por causa lá do teu commercio.

— Chim, chinhor, a coisa antão é oitra?

— É outra, e. Este senhor, que aqui vês, cortará-lhe o nariz esta manhã.

— Ai Chachús! Prove home! Captiva! e vae d'ahi, quem foi que le pregou écha partida?

— Foi um turco; mas isso não vem ao caso.

— Ai que chalhâche! Bem me tinham dito a mim qu'os turcos qu'eram chalhâches! agora o qu'eu num chabia é qu'os largavam a cholta cá por Paris. Mach o chinhor espere ahí, bou chã chamar um polichia!

Conteve o dr. Bernier o excesso de zelo ao digno auverneze e, em breves palavras, explicou-lhe o serviço que lhe exigiam. A principio cuidou o homem que era mangação d'elle, porque lá por ser optimo aguadeiro, um homem pode muito bem não ter a minima noção de rhinoplastia.

Lá lhe deu a entender o doutor que queriam comprar-lhe o tempo por um mez, e cento e cincoenta centímetros quadrados de pelle.

— A operação é nada, foi-lhe dizendo o doutor, e não é coisa que lhe doa muito; previno-o, porém, desde já, que ha de precisar de muitissima paciencia para estar sem se mexer, um mez inteiro, e com o braço cosido ao nariz aqui d'este senhor.

— Pachiencha, retorquiu o outro, grachas a Deus num é icho que me faz mingoa; ou eu num cheria O'berneze da gemma. Mas a coisa é que che quer qu'eu pache um mez cá em cácha para fazer cherbicho ao prove do homem chinho, han de me dar pl'o meu tempo coicha que se vêcha.

— Está entendido! Quanto quer, diga lá?

Cogitou um instante e disse:

— Na minha conchiencia, tudo que checha a menos de quatro francos cada dia...

Nada! Nada! atalhou o tabellião; meu caro amigo, isso vale, quando menos, mil francos por mez, o que faz trinta francos cada dia.

— Não, senhor, atalhou o doutor, vale mas é dois mil francos.

Messer L'Ambert acenou com a cabeça e não fez a minima objeção.

Romagné pediu licença para ir acabar o dia, guardar o barril no telhado e arranjar quem o substituísse durante o mez.

— Assim com'achim, hóche cha num bale a pena comechar; meio dia chá lá bae.

Provarão-lhe a urgencia do caso, e elle, portanto, tratou de dispôr a vida n'esse sentido. Mandou chamar um amigo que prometteu supprir-o por um mez.

— Bê che m'alcanchas cá o meu pão todal as noites, disse-lhe o Romagné.

Foi-lhe observado quanto era inutil semelhante precaução, pois havia de ficar comendo na casa.

— Lá quant'o a icho, bamos mas é a ber quanto custa.

— Não, que o sr. l'Ambert sustenta-o de graça.

— De gracha! o precho faz-me arranjar! Antão, a pelle aqui está. Inté m'a podem cortar chá!

Aguentou a operação como um valente; nem sequer pestanejou.

— Inté dá gochto! dizia. Cha me contaram que houve um rapaz lá na minha terra que se deixava

impedernir n'uma nachente d'agua, por vinte chol-dos cada hora. Eu cá acho qu'è melhor deixar cortar uns pedachitos ó cadabre, qu'a chente axim num fica em tanta chugeichão, e sempre rende mais.

Coseu-lhe o dr. Bernier o braço esquerdo ao rosto do tabellião, e para ali ficaram os dois homens, um mez todo, amarrados um ao outro. Não eram mais indissolueis os dois irmãos Siamezes, que outr ora deram tanto pasto á curiosidade europeia. Esses, porém, eram irmãos, acostumados, desde pequenos, a mutuamente se ajudarem, e ambos haviam recebido a mesma educação. Se acaso um d'elles fora aguadeiro e tabellião o outro, é possivel que, aos olhos do mundo, tivessem dado em espectáculo amisade muito menos fraternal.

Romagné nunca soltou uma queixa, comquanto lhe parecesse de todo nova a situação. Obedeia como escravo, ou mais, como christão, ás mínimas vontades do homem que lhe comprara a pelle. Erguia-se, sentava-se, deitava-se, virava-se para a direita ou para a esquerda, conforme os caprichos de seu amo e se'hor. O imao não se mostra mais submisso ao polo septentrional, do que o proprio Romagné o era para com Messer L'Ambert.

Tão heroica mansidão enternecia a alma ao tabellião, que, aqui para nós, não era lá dos mais ternos. Os primeiros tres dias, inspiraram-lhe os cuidados da sua victima coisa parecida com a gratidão; mas, d'ali a pouco, já lhe ganhára tedio, e mais tarde, horror.

Um homem novo, activo e sadio não se acostuma sem muito esforço a uma absoluta immobillidade. Que fará quando tem de conservar-se immovel e muito chegado a um ente inferior, esqualido e mal educado? Fôra, porém, lançada a sorte. Ou viver sem nariz ou aguentar o Auverneze com as consequencias todas, comer com elle, dormir com elle, fazer tudo ao pé d'elle, e na mais incommoda situação, preencher todas as funções da vida.

Romagné era um rapaz digno e excellente, mas a resonar parecia um orgão. Adorava a familia, amava o proximo; mas em dias de sua vida não tinha tomado um banho, com medo de esbanjar sua mercadoria. Os sentimentos eram quanto possivel delicados; não sabia, porém, impôr a si proprio as mais elementares entre essas restricções que a civilização nos recommenda. Pobre Messer L'Ambert! e pobre Romagné! Que dias, e que noites! quanto pontapé atrado ou apanhado! E talvez superfluo dizer que o Romagné lá os ia aguentando sem se queixar, reccioso sempre de que, mediante qualquer movimento em falso, a experiencia de Mr. Bernier viesse a falhar.

Recebia o tabellião innumeradas visitas. Vieram vél-o alguns companheiros de folia que se divertiam á custa do aguadeiro. Ensinarão-lhe a fumar charutos, a beber vinho e agua-ardente. E o pobre diabo entregou-se a tão novas delicias com a simplicidade d'um indio Pelle-Vermelha. Atordoaram-n'o, emborracharam-n'o, e fizeram com que descesse os degraus todos que separam o homem do bruto. Era uma educação a fazer de novo; os ta-fues deliciavam-se em tão cruel divertimento. Pois não seria coisa agradável quanto nova deitar a perder um Auverneze?

Certo dia perguntaram-lhe como é que tencionava empregar os cem luizes de Messer L'Ambert, assim que os tivesse ganho.

— Hei de os pôr a render; chinco por cento, respondeu, e fico com chem francos de renda.

— E depois? perguntou um guapo millionario dos seus vinte e cinco annos. Achas que ficarás mais rico ou mais feliz? Terás de renda, por dia, seis soldos! Se casares, o que é aliás inevitavel, porque d'essa massa se fazem os patetas, has de ter uma dúzia de filhos.

— Lá icho pode cher, xim chinhor!

— E, em virtude do Código Civil, d'essa bonita invenção do Imperio, deixas a cada um, para comer, dois liards por dia. Ora tu, com dois mil francos podes viver um mez, como um ricoço, conhecer os gozos da vida e elevares-te acima do nível dos teus eguaes!

O aguadeiro, em presença d'estas tentativas de corrupção, defendia-se como um damnado; mas entraram a dar-lhe tão repetidas marteladinhas d'esta laia sobre o espesso craneo, que afinal lá foram abrindo sahida ás idéas falsas, e o craneo ficou fulhado.

Appareceram senhoras tambem. Messer L'Ambert conhecia muitas, e de todas as categorias. Assistiu Romagné ás mais variadas scenas, ouviu protestos amorosos e de fidelidade, um tanto escassos em verosimilhança. Messer L'Ambert, não se restringia de mentir, com a maxima semcerimonia, deante d'elle, como tambem, quando a sós

com o aguadeiro, divertia-se, ás vezes, a mostrar-lhe essas falsidades todas, que constituem, por assim dizer, a teia do viver elegante.

E o mundo dos negocios! Persuadiu-se o Romagné que o descobrira, qual outro Christovão Colombo, pois não nutria a tal respeito a minima illa. Os clientes do cartorio fallavam, deante d'elle, com a mesma semcerimonia com que o faziam na presença d'uma duzia de ostras. Ouviu chefes de familia a cogitarem nos meios de espoliar legalmente os proprios filhos em proveito da amazia, ou d'uma obra qualquer meritoria, moços, casadoiros, que andavam a estudar a arte de roubar por contrato o dote ás noivas; prestamistas que pretendiam levar dez por cento, em emprestimos sobre a primeira hypotheca, e sujeitos entalados que pediam dinheiro e davam hypotheca, a troco de coisa nenhuma.

Não era esperto; como intelligencia não iria muito além de qualquer cachorrinho fraldiqueiro; mas, por vezes, a consciencia revoltou-se-lhe. Até que um dia, julgando que andava bem, disse para Messer L. Ambert:

— Chaiba o chinhor que não o estimo.

Desde então, a repugnancia que o tabellião por elle sentia mudou-se em aversão declarada.

Os derradeiros oito dias de forçada intimidade foram preechos de continuas tormentas. Até que enfim, o doutor Bernier veio a verificar que o retalho tomara raizes, apesar dos repelões sem conto, de parte a parte.

Os dois inimigos foram despedidos; modelado o nariz do tabellião no fragmento da pelle, que já não pertencia ao Romagné.

O guapo millionario da rua de Verneuil atirou então com duas notas de mil francos á cara do seu humilde escravo, e exclamou:

— Ah! tens, biltre! O dinheiro é nada! Fizeste-me entrar n'uma despeza do valor de cem mil francos, em paciencia. Vae-te, some-te d'aqui para nunca mais, e vê se te arranjas de modo que não oia nunca mais fallar em ti.

Agradeceu Romagné com altivez, passou pela copa, emborcou a sua garrafita, afóra mais dois copitos, de gorra com o porteiro Singuet, e, cambaleando um quasi nada, eil-o ali vae, a caminho do anterior domicilio.

(Continua)

Pin. Sel.



REVISTA POLITICA

Ha crise! disse-o a imprensa da opposição ha mezes, e foi repetindo diariamente estas palavras, com a mesma insistencia com que os jornaes do governo negavam que houvesse crise.

D'esta insistencia resultou que toda a gente principiou tambem a dizer e a repetir que havia crise, no que afinal não dava novidade nenhuma e antes devia dizer: ha crises, a economica, a financeira, a do bom senso etc., todas muito conhecidas e sentidas ha annos a esta parte.

Mas não era precisamente d'estas crises que se tratava, reducidas ao estado chronico, ao pão nosso de cada dia, com que vamos vivendo como a galinha vive com a sua pevide. A crise de que se tratava era a do governo, e apesar de nos horizontes politicos não se ver bem as nuvens que a annunciavam ou determinavam, a repetição a todos os momentos e em todos os logares de que havia crise governamental, chegou a convencer todos os espiritos e até os proprios ministros, que acabaram por concordar que havia crise, visto que toda a gente assim o dizia.

Pois—ha crise! repetiram finalmente os membros do governo, e então vamos depôr as nossas pastas nas mãos de el-rei.

— Mas como havemos de explicar a El-rei a crise.

— E' verdade, como havemos de explicar?

— Não é preciso. El-rei tambem deve estar convencido assim como nós, como toda a gente, de que—ha crise!

Mas como não se pode explicar aquillo que não tem explicação, a crise por mais que puxassem por ella não dava pretexto algum, e assim foi preciso arranjar á ultima hora uma fornada de pares,

que o chefe do estado não devia sancionar, e o ministerio cahiu!

E aqui está como se muda uma situação politica de um momento para o outro, só porque nos ares se espalhou uma atmosphera de crise que ninguem soube explicar, quando parecia haver o melhor accordo entre os membros do gabinete, quando nenhuma questão externa complicava a situação, quando o thesouro estava habilitado para os encargos immediatos, quando o parlamento discutia sem hostilidades os projectos do governo, quando, em fim, não havia no céu a mais ligeira nuvem de borrasca proxima, depois de tanto céu velho que tem feito.

Tudo acaba n'este mundo e os governos são das coisas mais instaveis que ha n'elle, por isso os que agora sobem ao poder tambem já cahiram, e por signal bem ruidosamente, no meio das populações indignadas e feridas no seu brio nacional, pelo *ultimatum* de negra memoria, tão desgraçadamente preparado pela inhabilidade dos governantes.

E comtudo agora tocam as philarmonicas e estalam os foguetes por esses ares, porque cahiu o ministerio e sobem ao poder os que já de lá sahiram escuraçados pelo povo indignado.

Ha sete annos que a situação progressista deixou o poder e em taes circumstancias que tem sido sete annos de perigrinação por um calvario



O TIGRE

de dilacerantes espinhos, de lucta contra a chaga aberta que aquelle governo deixou no paiz.

Varios foram os medicos que se abeiraram do enfermo para lhe minorar os males, para o curarem, cheios, por ventura, de vontade e de coragem; mas no fim d'estes sete annos os proprios progressistas voltam a gritar que—ha crise! como se já tivesse deixado de a haver desde que elles sahindo do governo, legaram ao paiz essa herança.

Mas a crise, que não encontrou explicação em nenhum acto do governo, nem em circumstancias alheias á vontade do mesmo, talvez se explique pelos sete annos de ausencia do governo do partido progressista, que por esse facto se encontrava em crise.

Sim, deve ser isto; a crise não era do governo nem do paiz, a crise era do partido progressista, e portanto, esta crise deve desaparecer com a subida dos progressistas aos conselhos da corôa embora as outras crises, já conhecidas, continuem, por isso mesmo que se tornaram chronicas.

Sim deve desaparecer o agio das libras, a descida dos cambios e dos papeis de credito, que foi a arma com que se guerreou o governo; deve desaparecer a exportação de descredito do paiz que se tem feito para o estrangeiro, novo processo de derrubar governos; devem desaparecer todos esses males, a varinha magica dos progressistas, e elles sabem que deve ser assim porque de contrario não queriam o poder para herdarem tão negra situação.

Ao dia de hontem brumoso, carregado, escuro como a noite de trovões, succede agora um céu limpido de sol radiante, em que tudo brilha e re-

luz como por encanto. A imaginação popular fica assim mais satisfeita. Por cada situação que se succede nasce uma esperanza. Esta-se sempre á espera do maravilhoso, do extraordinario; é assim a imaginação peninsular.

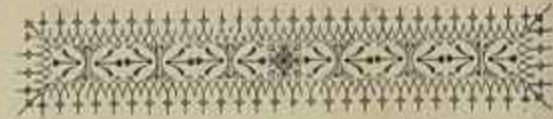
Quando em 1868 subiu ao poder o honrado bispo de Vizeu, atroaram por todo o paiz os trombones e os foguetes festejando a auspiciosa ascensão. Em Lisboa varias musicatas precorreram a cidade, acompanhadas de grupos populares, em romaria a casa do bispo, que morava na rua do Paços dos Negros.

A' no te, deifronte das janellas, os guerrilheiros tocavam o hymno e a populaça acclamava o austero bispo. Elle conversava na sala com os amigos que lhe cahiam em casa como o orvalho da aurora que desponta.

— Então, nobre bispo, não vae agradecer as aclamações d'aquelles pobres homens, disseram-lhe.

— Não é preciso, conheço-os muito bem. São os mesmos que d'aqui a pouco me hão de apoiar e dar morras.

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Em prol da integridade do territorio de Pernambuco. por F. A. Pereira da Costa. Pernambuco, 1896. — Em nome do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, recebemos este importante trabalho sobre a reivindicación de uma grande parte do territorio pernambucano provisoriamente annexado á Bahia.

Pelos documentos e pela logica dedução que d'elles faz o sr. dr. Pereira da Costa no seu extenso trabalho, pode-se encarar a questão pelo lado historico e pelo lado juridico.

Tanto n'um como n'outro ponto de vista, a questão é igualmente interessante, pois são grandes os interesses dos dois estados, em jogo, e derramam bastante luz sobre ella o estudo que temos presente.

Este assumpto, que tem de ser objecto de seria discussão no Congresso Nacional, é de grande importancia, e a solução a favor de um outro estado deve provocar um legitimo interesse a que o livro do sr. Pereira da Costa vem dar valiosos elementos de reivindicación, hourando muito o patriotismo e conhecimentos do referido auctor.

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

A CAMPANHA DA'FRICA

CONTADA POR UM SARGENTO

EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc.

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE

LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 30